

e menos ainda reconhecida, já que os muitos desafios diários do indivíduo, que incluem as circunstâncias da convivência com os outros e um permanente fantasiar edípico e pré-edípico, deixam pouco espaço e tempo livre para atenção a questões ontológicas. É aquela dimensão, vamos chamá-la espiritual, que impulsiona o anseio que se busca satisfazer, mesmo parcial e superficialmente, nas liturgias periódicas das várias religiões ou no êxtase dos montanhistas.

Existem maneiras de acessar esse estado mais intimamente, como a meditação, ou através de técnicas como a *respiração holotrópica*⁴ desenvolvida por Stanislav Grof, criador da psicologia transpessoal, ou através do uso ritual de substâncias, como a ayahuasca – para uma perspectiva psicanalítica de seu uso, ver os textos de Domingo Nanni (2015, 2018) e Eduardo Gastelumendi (2001, 2010, 2013). Essas experiências permitem não apenas acessar um estado de consciência diferente (os chamados *estados modificados de consciência*), são também uma imersão profunda em um estado do ser. Nesse sentido, são vivências ontológicas.

O que tudo isso implica para a prática psicanalítica? Eu gostaria de responder usando uma analogia. Aqueles que, como psicanalistas, saem do consultório para se vincular – ou, melhor, se envolver – com grupos sociais menos favorecidos – a “clínica extensa”, segundo Fabio Herrmann (2005) –, recebem um impacto emocional de caráter *Unheimlich*, o infamiliar. O analista, *desalojado* por esta experiência, ao trabalhar internamente para assimilá-la, transforma-se no íntimo de seu ser. Do mesmo modo, embora de outra maneira, essas experiências que agora nos ocupam, chamemos de espirituais, transpessoais ou transsubjetivas (em um sentido diferente daquele usado em psicanálise vincular), também transtornam (e revolucionam) o analista.

Em um trabalho sobre o tema (Gastelu-

mendi, 2013) defendo que:

um sujeito já constituído, que conseguiu em seu desenvolvimento diferenciar, sem confusão, seu Eu dos outros, com limites bem estabelecidos entre seu self e seu entorno, pode recuperar, por alguns momentos (como ocorre no sentimento oceânico), a vivência daquela unidade esquecida, daquele aspecto profundo e real de nossa natureza. Afirmo que uma experiência como essa tem um valor único para quem a vive. (p. 103)⁵

Penso que o analista que tenha visitado estas regiões de sua psique – as que eventualmente também podem ser acessadas durante um trabalho analítico regressivo e profundo – está em melhores condições para acompanhar processos semelhantes com seus pacientes.

Referências

- Freud, S. (1986). Conclusiones, ideas, problemas. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23, pp. 301-302). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1941 [1938]).
- Gastelumendi, E. (2001). Madre ayahuasca y Edipo. *Memoria del Segundo Foro Interamericano sobre Espiritualidad Indígena*. Tarapoto: CISEI/Takiwasi.
- Gastelumendi, E. (2010). Ayahuasca: Current interest in an ancient ritual. Em K. Miyoshi, Y. Morimura, K. Maeda et al. (ed.), *Neuropsychiatric disorders* (pp. 279-286). Tokio: Springer.
- Gastelumendi, E. (2013). Una mirada psicoanalítica a la experiencia con ayahuasca. *Revista Psicoanálisis*, 12(1), 91-110.
- Grof, S. (1988). *Psicología transpersonal*. Barcelona: Kairós.
- Herrmann, F. (2005). Clínica extensa. Em L. M. C. Barone (org.), *A psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kantor, J. y Hernández, M. (junio de 2003). ¿Psique es extensa? Trabalho apresentado no 8º Congresso Peruano de Psicanálise, Fronteiras da psicanálise: Novos olhares, Lima.
- Nanni, D. (2015). *Cuatro escritos sobre el uso de ayahuasca en psicoterapia*. Parana: Fundación La Hendija.
- Nanni, D. (2018). *Quinto escrito sobre el uso de ayahuasca en psicoterapia*. Parana: Fundación La Hendija.

5. Tradução livre.

Ruggero Levy*

Seria uma intuição de Freud?

Mística, a obscura percepção de si do reino que está fora do Eu, do Isso.
Sigmund Freud

Genial, posso apenas iniciar dizendo que essa intuição de Freud em 1938 é genial.

Parece-me assim, pois entendo que o pai da psicanálise nesse momento transcendia o seu contexto epistemológico e intuía que a apreensão do inconsciente ocorre para além das palavras e da investigação positiva.

Nos primórdios da psicanálise, Freud, na ânsia de torná-la uma ciência natural – dos métodos de observação positivos, objetivos – acreditava que os fatos psicanalíticos deveriam ter uma correspondência com os fatos reais vividos na infância do sujeito (Hanly, 1992/1995). Ou seja, na “história vivida” do paciente deveriam existir fatos reais que se correspondiam, de algum modo, com as produções oníricas e sintomas neuróticos trazidos ao analista. Em epistemologia, esta busca da verdade por correspondência tem como ciência prototípica a física newtoniana, eu diria. Neste tipo de postura científica, a hipótese de trabalho deve necessariamente

corresponder a um fato real, condição que lhe confere veracidade. Assim, o resultado de uma fórmula da física newtoniana a respeito da força da gravidade, por exemplo, deve poder corresponder sempre a um fenômeno real. Uma maçã atirada de uma altura determinada deverá sempre levar um tempo determinado para chegar ao chão, caso o experimento seja realizado na Terra onde a força da gravidade é uma constante. Pois Freud em busca do realismo científico, (Hanly, 1992/1995) frequentemente assumia esta postura epistemológica. O exemplo mais ilustrativo é a clássica análise do Homem dos Lobos.

No trabalho de interpretação do sonho dos lobos, Freud, como um verdadeiro historiador envolvido na reconstituição de um evento histórico, reconstrói a “cena real” que certamente deveria ter ocorrido, de acordo com seu ponto de vista da época. Era a busca da correspondência quase absoluta. Freud, além de postular que o Homem dos Lobos teria assistido ao coito dos pais, propõe-se, inclusive a determinar a posição em que eles estavam e a hora do ocorrido. Embora Freud utilizasse também outros critérios científicos,

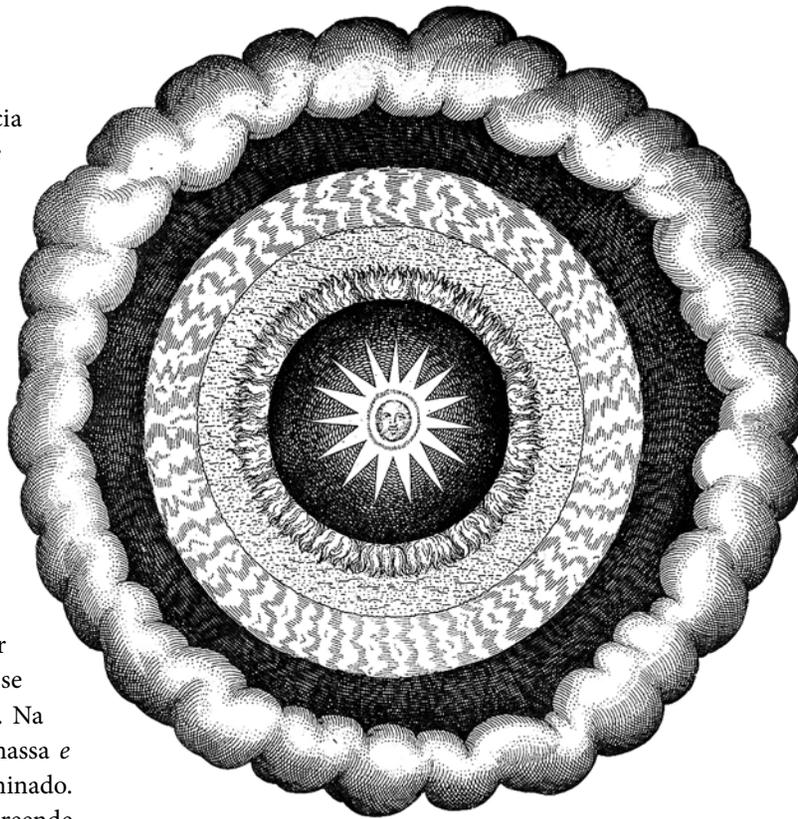
4. Na América Latina, um impulsor desta experiência é o psicanalista e psicodramatista argentino Carlos Martínez-Bouquet.

* Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

por exemplo, a verdade por coerência (Hanly, 1992/1995), essa *objetividade* lhe parecia essencial para a psicanálise poder reivindicar um lugar como ciência. Nesse contexto, então, o psicanalista seria aquele em busca de reconstituir a verdade objetiva dos fatos, procedimento chamado de reconstrução.

Entretanto, posteriormente, houve evoluções epistemológicas. Especialmente a partir da década de 30, Heisenberg (1930/2013) descreve o princípio da indeterminação, onde estabelece que, no nível subatômico, é impossível determinar a posição das partículas, assim como se essas consistem em massa *ou* energia. Na verdade, elas, simultaneamente, são massa e energia, e ocupam um espaço indeterminado. Além do mais, o novo paradigma compreende que o observador inevitavelmente interfere no fenômeno observado. É o fim do empirismo ingênuo que muito influenciou a psicanálise, quando se acreditava no psicanalista como um observador neutro que não interferia em seu campo de observação. Este novo paradigma da física reflete a complexidade em que os fenômenos passaram a ser entendidos. Podemos imaginar o que isso significou em termos de compreensão do funcionamento mental.

É importante destacar o quanto a psicanálise atual está em consonância com esta noção mais corrente do pensamento científico que integra o caos e a complexidade na busca do conhecimento, desbancando o pensamento positivista, determinista. Este novo modelo compreende o observador como parte do campo de observação e, fatalmente, interferindo no mesmo. Isso retira definitivamente o psicanalista de sua posição clássica de espelho que apenas reflete, de frio observador do que se passa na mente do paciente. O analista não é apenas afetado pelas emoções e fantasias do paciente, mas também afeta diretamente o campo relacional.



Antes de continuar, quero ressaltar que se Freud, por um lado, utilizava a partir de sua epistemologia positivista o critério de verdade por correspondência e coerência, por outro, paradoxalmente, como bem diz Civitarese (2018), foi um dos pensadores brilhantes que erodiu as bases do positivismo, como entendo que suas notas de 1938 o fazem. Um exemplo é seu conceito de *Nachträglichkeit*, de *après coup*, que exatamente faz isso. Se o passado pode ser ressignificado e reinscrito, significa que o passado pode mudar: o observador muda e com isso o seu passado também. Está implícito o conceito de que o observador modifica o observado; e mais, pois Freud admite que o mesmo sujeito, diferente em outro momento, dá novo significado ao seu passado.

Além desta visão mais complexa dos fatos psicanalíticos, especialmente em Bion, o inconsciente passou a ser visto como um território obscuro, amorfo, inefável e inapreensível pelos sentidos, colocando a intuição num lugar privilegiado para apreendê-lo. Em *Aten-*

ção e interpretação, Bion (1970/1993) estuda detalhadamente a situação analítica e a função analítica, e descreve outro elemento que será essencial à criação de um ambiente capaz de conhecer a experiência emocional.

Este elemento comporta certa negatividade, que Bion chamará de *capacidade negativa*, ou seja, a capacidade de suportar o não saber, eliminando a memória e o desejo, para a mente estar aberta a um novo conhecimento. Ele diz que a memória e o desejo são “iluminações” que destroem a capacidade do analista para a observação “como a penetração de luz na *câmara escura destrói o valor do filme exposto*” (Bion, 1970/1973, p. 76). Esta *cegueira* implica em tolerar a frustração, a incerteza existente no estado de desconhecimento. Meltzer (1988/1995) falará da tolerância ao mistério. E Laplanche (1992) falará da *recusa ao saber* para poder conhecer. A recusa em Laplanche tem vários sentidos: é a recusa a gratificar (abstinência), a recusa em funcionar no plano da orientação, mas sim da compreensão, e a recusa ao saber que, segundo ele, o analista deve fazer a si mesmo. Ou seja, não apenas em Bion (1965/2004), mas em diversos autores, certa negatividade no estado mental do analista parece ser um elemento essencial na apreensão do inconsciente.

As formulações de Bion vão mais adiante e aproximam-se das intuições de Freud em 1938. Bion (1965/2004) definirá o conceito de *O*. *O* seria a verdade última do paciente e do analista, chamada por ele de *divindade* em seus últimos trabalhos. Mas *divindade* não no sentido religioso, obviamente. *Divindade* no sentido daquilo que é inapreensível pelos sentidos; no sentido daquilo com que se procura fazer contato; daquilo em deve-se ter fé e que vamos nos aproximar de algum modo; daquilo que temos a convicção de que existe, mesmo que seja inefável. Penso que é desta dimensão do *místico* que falava Freud em 1938. Acredito que intuíva não ser suficiente apenas o afrouxamento das cadeias lógicas da associação livre e da atenção flutuante. Como já havia descrito o

Isso da segunda tópica, um inconsciente que ia muito além das representações, ou seja, obscuro e amorfo, e que pressentia, acredito, que para fazer contato com ele seria preciso uma “obscura percepção”. Talvez algo próximo ao que Bion (1965/2004) descreve com “tornar-se *O*”, em que o contato com o inconsciente amorfo e obscuro é apreendido através de intuições, sonhos oníricos de vigília e figurabilidades próximas ao polo alucinatório (Botella e Botella, 2002), que muito se parecem com as revelações místicas religiosas. É encantador que Freud, o grande cientista do iluminismo, intuisse algo desta natureza. Genial!

Referências

- Bion, W. R. (2004). Transformações: Do aprendizado ao crescimento. Em P. C. Sandler (trad.), *Transformações: Do aprendizado ao crescimento*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965).
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).
- Botella, C. e Botella, S. (2002). *Irrepresentável: Mais além da representação*. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, Criação Humana.
- Civitarese, G. (2018). Truth as immediacy and unison: A new common ground in psychoanalysis? – Commentary on essays addressing “Is truth relevant?” Em G. Civitarese, *Sublime subjects: Aesthetic experience and intersubjectivity in psychoanalysis*. Londres: Routledge.
- Freud, S. (1988). Conclusões, ideas, problemas. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23, pp. 301-302). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1941 [1938]).
- Hanly, C. (1995). *O problema da verdade na psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1992).
- Heisenberg, W. (2013). *The physical principles of the Quantum Theory*. Londres: Dover. (Trabalho original publicado em 1930).
- Laplanche J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Meltzer, D. (1995). *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988).